

WARREN DEAN

Maria Lígia Coelho Prado

Departamento de História – FFLCH – USP

A primeira vez em que ouvi o nome de Warren Dean, ainda como estudante, foi numa acirrada discussão entre dois colegas considerados “muito atualizados”, que divergiam sobre as teses de *A Industrialização de São Paulo*, publicado em português, em 1971. Li imediatamente o livro para poder participar dos debates, pois todos pareciam ter uma opinião sobre ele. Fato notável, pois naquela época não nos importávamos muito com historiadores norte-americanos, já que, em geral, os víamos como inexpressivos e demasiado empiricistas ou – sintoma como se estivesse falando sobre a Idade da Pedra – como inimigos, já que nosso sentimento anti imperialista era muito forte. Eram os piores anos da ditadura e nesses difíceis tempos, a História era nossa aliada. Debruçávamo-nos sobre ela, para ler, no passado, as trilhas do futuro. E no futuro, quando a tempestade houvesse passado, algum tipo de revolução social iria acontecer para destruir a opressão, a miséria, a censura, a tortura, as prisões, colocando em seu lugar a liberdade, a democracia, a justiça e a igualdade social. O livro de Warren – daí seu tremen-

do impacto naquele momento no Brasil – de alguma maneira, dizia respeito às nossas inquietações. Ele nos oferecia uma interpretação sobre a história do Brasil que esclarecia a “realidade” e, explicando o passado, preparava o caminho para o futuro. Seu livro, baseado em extensa documentação, corroía uma interpretação corrente e tradicional entre as esquerdas, qual seja, a oposição entre os interesses da oligarquia agrária e os da nascente burguesia industrial. Provando que os interesses econômicos dos setores cafeicultores e industriais se mesclavam e não se opunham frontalmente, Warren estava ajudando a derrubar a idéia de que a revolução burguesa tinha ainda “tarefas históricas” a serem cumpridas. Warren se identificava com um pequeno, mas significativo grupo de intelectuais brasileiros que estavam dispostos a destruir este modelo de interpretação. Boris Fausto, por exemplo, afirmou que leu o manuscrito de Warren, quando estava terminando seu livro sobre 1930 e se sentiu positivamente surpreso ao verificar que os dois estavam caminhando na mesma direção.

Creio que Warren, ao escolher o tópico desse livro, sabia que estava lidando com um tema intrinsecamente ligado à política. Estava trabalhando com um assunto que “fazia sentido” como costumávamos dizer, em que se encontrava um compromisso central entre história e política. Na “vida real”, Warren também fez suas escolhas e optou por trabalhar, de forma discreta, porém eficientemente, contra a ditadura brasileira, assumindo riscos para denunciar, nos Estados Unidos, as arbitrariedades do regime de exceção.

O tempo passou e sua carreira posterior o consagrou como historiador respeitado, especialmente depois de sua magnífica pesquisa sobre Rio Claro, em que oferecia uma inovadora abordagem de história social e tratava de temas como a propriedade da terra, imigração e escravidão, com particular acuidade. Em seus últimos anos, havia entendido que a ecologia era um campo novo que merecia a atenção do historiador. Acompanhando sua nova área de pesquisa, manteve-se ativo em todos os movimentos sobre ambientalismo, particularmente aqueles em torno da Amazônia. Dizia ele, que nem sempre os grupos ecológicos ficaram satisfeitos com suas intervenções. O motivo é que ele sempre se recusou a usar chavões e a dar respostas fáceis e palatáveis a problemas tão complicados. Não suportava a utilização do sofrimento de índios, de seringueiros ou da floresta com fins comerciais ou de promoção pessoal.

Na Universidade de Nova York, onde lecionou desde 1970, desenvolveu um importante programa de pesquisas em História do Brasil, dedicando-se a despertar nos alunos norte-americanos interesse e respeito pela história e culturas brasileiras. Sua preocupação com temáticas sociais ou políticas contemporâneas, em especial as referentes ao Brasil, manteve-se inabalável durante toda a sua vida. Lembro-me de seu convite, em 1993, para que eu assistisse, jun-

to com seus alunos, a um debate sobre os problemas da violência contra os meninos de rua brasileiros. Ele foi o primeiro a chegar para “guardar” os lugares para todos nós.

Warren Dean tem um lugar excepcional na historiografia brasileira. Seu interesse pelo Brasil não foi simplesmente “profissional”, como acontece tantas vezes entre especialistas estrangeiros. Foi capaz de combinar uma pesquisa e uma reflexão rigorosa e inovadora sobre a História do Brasil, com uma posição de ativista político, interessado em causas públicas importantes. Em sua maneira discreta e comedida, manteve durante toda a vida um imutável sentimento em defesa da democracia e das liberdades – no discurso e na prática – e de rejeição às ditaduras e às injustiças sociais. Íntegro, generoso, avesso às frivolidades e incapaz de concessões às vaidades do mundo acadêmico, sua morte foi profundamente sentida por todos aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo e de com ele conviver.

Por tudo isso, o Departamento de História da Universidade de São Paulo não podia deixar de manifestar publicamente sua consternação diante de sua inesperada morte, no dia 21 de maio de 1994. Organizamos uma Sessão de Homenagem, realizada no dia 19 de outubro de 1994, na qual foi enfatizada a importância de seu trabalho intelectual e salientadas suas qualidades pessoais. Diversos dos participantes deram seu comovido depoimento, recordando as muitas visitas que Warren fez ao Brasil e narrando suas lembranças individuais.

Nesse dia nasceu a idéia, agora posta em prática, de publicarmos um pequeno “dossiê”, como homenagem do Departamento de História a Warren Dean. Bastante eclético, ele se inicia com o ensaio de Boris Fausto que, além de ser grande conhecedor da obra de Warren e de levá-lo a participar do tomo III da

História da Civilização Brasileira, era seu amigo pessoal. Creio que a leitura desse depoimento dará ao leitor uma visão bastante rica do historiador e sua obra, assim como do homem, suas qualidades pessoais e posições políticas. Em seguida, reproduzimos uma entrevista concedida por Warren, a Maria Luisa Nabinger de Almeida. Importante, ainda, é a

publicação do artigo de Warren Dean, de 1985, mas inédito em português, sobre a conservação das florestas no Sudeste brasileiro na primeira metade do século XX. A tradução foi feita por Dora Shellard Corrêa – que preparou também a bibliografia selecionada ao final – jovem historiadora que vem se especializando em história ambiental.